

FONTE : o esp.

CLASS. : 36

DATA : 08 | 04 | 89

PG. : P.2.

Amazônia: sucesso ou vexame

PAULO NOGUEIRA NETO

Quer isto nos seja agradável ou desagradável, a verdade é que o mundo está hoje atento, voltado para o Brasil, ansioso por saber se a floresta amazônica será salva ou destruída por nós. Da mesma forma que as duas baleias que estavam morrendo no Ártico, e foram salvas graças à colaboração das duas superpotências rivais, também a floresta amazônica se tornou um símbolo mundial, para a causa ambiental. No caso das baleias, o símbolo tinha mais um valor emotivo. No caso da floresta tropical, está envolvido o futuro do Brasil e, num sentido mais amplo, o próprio futuro do mundo.

Se agirmos de forma predatória, como tem sido tão freqüente até aqui, os brasileiros de amanhã se queixarão amargamente de nós. Fardão isso por dois motivos: pela imensa riqueza que estamos dilapidando e também pelo profundo vexame de ter causado à humanidade problemas climáticos dos mais sérios. Mas isso somente acontecerá se não agirmos de forma responsável. Ainda há algum tempo, embora pouco, para evitar o pior.

O que fazer? Uma das medidas prioritárias deve ser a realização e a implantação efetiva de um zoneamento ecológico-econômico. O zoneamento nos indicará as áreas que poderão ser utilizadas pela agricultura, pecuária e outras atividades. Para isso é necessária uma lei efetiva e racional. Felizmente, no Congresso, o deputado Fabio Feldman e toda a Frente Verde estão vigilantes. Indicará também quais as áreas, que estimo em 2/3 da Amazônia, que deverão ser dedicadas à implantação de parques nacionais, estações ecológicas e de florestas nacionais. Nestas últimas será possível fazer um exploração florestal cuidadosa, de caráter permanente. A ação do novo Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais precisa ser prestigiada por todos. Sua organização terá que passar, também, por um processo contínuo de aperfeiçoamento. É preciso não esquecer que em épocas passadas algumas atividades, agora incorporadas ao novo instituto, caíram em profundo e generalizado descrédito.

Resta examinar, entre outros, o problema da mineração e das hidrelétricas. A exploração mineral bem feita não nos assusta, se for realizada nos moldes de Carajás-Companhia Vale do Rio Doce. Se, porém, for seguindo o modelo guseiro, que quase sempre devastou Minas Gerais, neste caso a Amazônia oriental será liquidada predatoriamente, em troca de uns poucos milhões de dólares. É preciso, urgentemente, reexa-

minar profundamente o projeto guseiro (fabricação de ferro gusa, com utilização de carvão vegetal), antes que ele se torne o maior desastre ecológico do País.

Quanto às hidrelétricas, é importante entender que não há desenvolvimento sem energia elétrica barata e abundante. Sem desenvolvimento não teremos meio ambiente de boa qualidade. O maior inimigo do meio ambiente é a miséria, e isso é bem claro na Amazônia. O problema está em fazer projetos hidrelétricos ambientalmente aceitáveis, nunca do tipo Balbina. É preciso estudar as melhores alternativas e debater transparentemente os projetos, antes de tomar a decisão final. É necessário proteger os índios e dar-lhes participação real nos benefícios gerados. É preciso também compensar os inevitáveis danos ambientais, implantando na região estações ecológicas, da ordem de centenas de milhares de hectares, por conta do autor dos empreendimentos, ou seja, da Eletronorte. O custo será muito baixo, de cerca de 0,5% do valor do empreendimento. Itaipu gastou mais que isso, na proteção ambiental. Já há uma resolução do Conselho Nacional do Meio Ambiente-Conama, tornando obrigatória a compensação ecológica, sob a forma de instalação e manutenção de estações ecológicas.

Se tivermos um mínimo de bom senso, poderemos ocupar a Amazônia sem destruí-la. Será uma ocasião única de mostrar ao mundo que sabemos compatibilizar desenvolvimento e proteção ambiental. Somente dessa forma cessarão, dentro e fora do Brasil, as críticas de todos os que se preocupam com as gerações futuras e com a qualidade de vida da Terra. Não adianta desafiar meio mundo, pois isso somente acirra os ânimos contra nós. Embora os países desenvolvidos sejam os maiores responsáveis pelo chamado "efeito estufa", cabe principalmente aos países tropicais evitar outros efeitos climáticos graves e proteger os importantíssimos bancos genéticos que estão aqui. O papel do Brasil será decisivo, no que se refere ao futuro da maior floresta tropical do planeta. Temos que demonstrar, desde já, imediatamente, que temos a capacidade e a responsabilidade que um dia fardão de nós, com a ajuda de Deus, uma grande nação, democrática, mais federativa e sempre soberana.

Sucesso ou vexame, eis os caminhos que estão à nossa frente, para nossa escolha.

Paulo Nogueira Neto é professor titular de Ecologia na Universidade de São Paulo e foi secretário federal do Meio Ambiente de 1974 a 1986.